

Christina Bielinski Ramalho
Juan Héctor Fuentes
Luiz Eduardo Oliveira

APRESENTAÇÃO

Neste número da *Revista de Estudos de Cultura*, apresentamos, inicialmente, o dossiê “A epopeia nas Américas”, que reúne sete artigos voltados para a presença épica no Brasil e na Nicarágua. As abordagens consideram tanto o diálogo de algumas obras com a tradição clássica e renascentista como as transformações do gênero e outras formas épicas, como o folheto de cordel épico e a epopeia cômica.

Em “Sobre o uso do épico na literatura de cordel no Brasil”, Solenne Derigond parte da categoria teórica “trabalho épico”, de Florence Goyet, para refletir sobre a influência do gênero épico na produção em cordel, destacando dois momentos dessa produção: o final do século XIX e a produção contemporânea.

Também na linha da associação entre o gênero épico e o folheto de cordel, Simão Pedro dos Santos, em “A matéria épica do cordel em Leandro Gomes de Barros: um poema épico não nacional”, tem como *corpus* o folheto *Batalha de Oliveiros com Ferrabraz*, de Leandro Gomes de Barros, que é analisado à luz dos pressupostos teóricos sobre o gênero épico de Staiger, Silva e Ramalho, além dos estudos de Cascudo e Romero sobre a inserção do cordel na cultura popular.

O artigo em língua inglesa “Palimpsests and symbols: principles of poetic composition in Jorge de Lima’s *Invenção de Orfeu*”, de Margaret Anne Clarke, desenvolve uma minuciosa abordagem **analítica da epopeia** do alagoano Jorge de Lima, que busca reconhecer uma unidade em sua poética a partir de três eixos estruturantes: o primeiro, que ela chama de “metáfora-raiz”; o segundo, que se refere ao estabelecimento, na obra, de “cadeias de memória”; em terceiro, o palimpsesto decorrente da grande intertextualidade presente

em *Invenção de Orfeu*. Clarke também investiga os símbolos criados por Lima para conferir unidade à sua obra.

Cimélio Cena, em “*Metrô, estação do caos*”, dimensiona os aspectos pós-modernos do poema *Metrô* (1993), do cearense Adriano Espínola, buscando, em termos teóricos de Silva como “matéria épica”, “modelos épicos”, “dimensão real”, “dimensão mítica”, “vivenciação estética do caos”, “heteroferenciação” e “emulação épica”, entre outros, a fundamentação para sustentar a legitimidade da inserção dessa obra no percurso da epopeia brasileira, buscando, também, compreender os recursos criativos utilizados pelo poeta na composição de sua epopeia.

“*Caminhos de quando e além*, de Helena Parente Cunha: epopeia e misticismo”, de Cláudia de Sousa, volta-se para a epopeia da escritora e poeta baiana, buscando, em um primeiro momento, reconhecer o diálogo com os poemas “Eros e Psique” e “Na sombra do Monte Abiegnô”, de Fernando Pessoa, proposto desde o subtítulo da obra, para, em seguida, discorrer sobre o modo como os rituais místicos e os símbolos são trabalhados no plano literário do poema composto por 48 “estações”.

“Aspectos épicos de *Cântico Cósmico*, de Ernesto Cardenal”, de Christina Ramalho, desenvolve considerações sobre a categoria “epopeia cósmica”, propondo diálogos com Adriasola, Castañon, Carrasco, Olivera e Silva, a fim de verificar os recursos de que Cardenal fez uso para trabalhar uma matéria épica universal, sem deixar de referenciar a cultura e a histórica nicaraguense.

Por fim, completando a dossiê, “Uma odisseia às avesas: *O Desertor*, de Silva Alvarenga, de Jean Pierre Chauvin e Cleber Vinícius Amaral Felipe, dá destaque ao poema herói-cômico do poeta árcade brasileiro, dimensionando como a obra dialoga com a tradição clássica e também ressaltando a necessidade de se revisar *O Desertor* para melhor compreender os recursos criativos de Alvarenga para compor seu poema.

Esta edição traz também uma seção de livre, composta de artigos que foram enviados na sessão “fluxo contínuo”, em que encontraremos três contribuições. A primeira delas, trata-se de “Colorismo e prisão: reflexões sobre a utopia

de uma sociedade sem racismo”, de Flávio Santos do Nascimento. A partir do corpus “Sistema Prisional de Sergipe do pós-abolição”, o autor discorre sobre o conceito de “colorismo” contrapondo-o ao pensamento utópico que idealiza uma sociedade de superação de preconceitos e clivagens. Andreia Lopes da Costa, em “Islamização no Paquistão na era do General Zia ul Haque”, centra-se nas possíveis interferências da lei islâmica no contexto político, econômico e social do Paquistão no período entre 1978 e 1988.

Em “O período pombalino representado em dissertações brasileiras”, artigo de autoria de Elaine Maria Santos e Mahena Dórea Rodrigues Costa, a autora apresenta um levantamento de pesquisas na área da História da Educação centradas na Nova História Cultural, de modo a dimensionar, criticamente, abordagens anti e filopombalistas presentes em dissertações investigadas a partir desse olhar.

Finalmente, temos o artigo de Kate Constantino Oliveira intitulado “Entre a francofilia e a anglofilia: a língua estrangeira em questão no Brasil”, no qual a autora toma como mote as ideias de França e de Inglaterra nos usos políticos e culturais de suas línguas em peças legislativas, na historiografia literária mas também a partir dos discursos de brasileiros e portugueses produzidos em pesquisa de campo sobre a relação com o saber linguístico de estudantes, professores e curiosos da língua e cultura de língua francesa e/ou inglesa.

Fechando este número, temos ainda a resenha “Sobre as Letras na Terra do Brasil no Antigo Regime”, assinada por Fernanda Santos, que apresenta a obra de Marcelo Lachat e Jean Pierre Chauvin intitulada *As Letras na Terra do Brasil: Séculos XVI e XVIII: uma introdução* (2022).

Desejamos a todos e a todas excelentes leituras.

Christina Bielinski Ramalho
Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Juan Héctor Fuentes
(Universidad de Buenos Aires)

Luiz Eduardo Oliveira
Universidade Federal de Sergipe (UFS)